

# ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS EM GREGORY BATESON: SUA RELEVÂNCIA PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Elida Sigelmann  
*Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro*

RESUMO - O artigo examina as noções de relação e de diferença no pensamento de Gregory Bateson com vista a estabelecer fundamento epistemológico a teorias clínicas da atualidade que vêm desenvolvendo trabalhos bem-sucedidos, apenas do ponto de vista empírico. Espera Bateson que sua epistemologia possa, em futuro próximo, substituir estratégias intuitivas por atividade sistemática e consciente, quando a análise da comunicação, do tipo de relação e a integração da noção de diferença permitirem aplicar o modelo dos tipos lógicos russellianos ao mundo dos processos mentais.

## EPISTEMOLOGY OF GREGORY BATESON: ITS RELEVANCE FOR CLINICAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT - This article examines the concepts of relation and difference in the work of Gregory Bateson with the objective of establishing an epistemological basis for modern clinical theories, which have been shown successful only from the empirical point of view. Bateson expects that, in the future, his epistemology will be able to substitute intuitive strategies with more systematic and conscious activity, when the analysis of communication, type of relation and the integration of the notion of difference will allow the application of russellian logical types model to the mental processes world.

Um observador mais atento às mudanças que vêm ocorrendo, na teoria e prática psicoterápica, pode detectar uma tendência subjacente à rejeição de conceitos epistemológicos medievais e modernos relativos ao mecanicismo.

As teorias recentes sobre o homem denotam uma crescente substituição da idéia de homem-máquina, cujos fatos psíquicos podiam reduzir-se a sensações e reações inatas ou adquiridas, pela idéia de homem-organismo, como um ser-processo dotado de atividade criadora.

A este modo de conceber o homem, associam-se noções dinâmicas, holistas e interacionais, que se opõem frontalmente à configuração linear do mecanicismo causal.

Em alguns teóricos evidenciam-se influências explícitas da cibernética, da comunicação, da teoria sistêmica; em outros, predomina a fenomenologia, o estruturalismo, o existencialismo, que permitem a possibilidade de uma interpretação mais ampla dos processos mentais que acompanham o comportamento humano.

Não parece, salvo poucas exceções, ter ocorrido nesse desbravar-se assim se pode intitular essa proliferação teórica contemporânea - uma preocupação com questões mais profundas de cunho epistemológico. De um modo geral, as teorias psicoterápicas atuais erguem-se por oposição à psicanálise, sem que se possa detectar um repensar explícito de natureza epistêmica. Não apenas essa oposição as unifica. Têm também em comum a valorização do homem, na medida em que reabilitam a subjetividade no contexto da ciência, como elemento partícipe da realidade. É da interação sujeito-objeto que emerge a realidade. A isso está associada uma ênfase na relação como aspecto preponderante na explicação dos fenômenos psicológicos. O significado do eu modifica-se e passa a ter realidade na relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Por tudo isto, o pensamento atual vem exigindo o exame de algumas questões de pertinência epistemológica para reconfigurar o quadro especulativo sobre a teoria e prática psicoterápica.

Pretende-se neste trabalho apresentar alguns conceitos desenvolvidos por Gregory Bateson numa tentativa de estender a concepção de psicoterapia para além dos limites mecanicistas.

O redimensionamento da noção de relação feita por Bateson induziu-nos a esse trabalho. "A relação precede as coisas e as pessoas. A relação não é interna às pessoas. Não tem sentido falar-se sobre dependência, agressividade ou orgulho e outras palavras semelhantes, sem procurarmos suas raízes naquilo que acontece entre pessoas. Há mudanças em "A" e mudanças em "B" que correspondem à interdependência da relação. A relação é prioritária" (Bateson, 1980, p. 146). Só é possível definir qualquer um destes conceitos "quando se fizer referência a um tipo particular de padrão de interação, o qual não explica categorias comportamentais, mas sim categorias de organização contextual de comportamento" (Bateson, 1980, p. 150). Essa conotação põe em destaque que a informação que o eu obtém de si mesmo é sempre relacional.

Ao privilegiar o conceito de relação, as teorias atuais permitem interpretação mais ampla dos fenômenos psíquicos do que as teorias vigentes na área. A comunicação passa a ser o elemento permeante entre as pessoas, manifestando uma procura de aplicação de seus modelos a todo o comportamento humano.

A relação é uma comunicação bilateral e inclui todos os sinais possíveis, através dos quais, as pessoas influem umas sobre as outras. Sabe-se que estes sinais registram-se em diferentes níveis do sistema nervoso cujos produtos confirmam ou desconfirmam a percepção pessoal de si e do mundo e acionam o comportamento que poderá ser mantido ou alterado radicalmente, num movimento constante de construção pessoal.

O homem-organismo traduz a idéia de movimento, de auto-regulação, de processo, os quais expurgam, por princípio, noções substancialistas, causais, homeostáticas perpetradas nos estudos do homem.

O pensamento contemporâneo reflete de modo crescente esta tendência, embora se acredite não haja ainda um fundamento epistemológico sistematizado.

A teoria do duplo vínculo, formulada por Bateson, se propõe ir mais além da mera apresentação de mais uma teoria explicativa do comportamento humano. Sua preocupação é epistemológica e, neste sentido, pode conter dados capazes de aplicação a outras teorias que vêm florescendo ultimamente, cujos resultados práticos têm se mostrado satisfatórios, embora não sejam constatados argumentos epistemológicos no sentido de fundamentá-las. Deter-nos-emos em dois concei-

tos batesonianos - relação e diferença - por nos parecer noções comuns às teorias atuais, especialmente a noção de relação. Já a noção de diferença não aparece tão explícita, embora seja a base para a compreensão do significado da empatia, congruência, identidade e outros conceitos usuais na literatura.

## O MODELO BATESONIANO

O estudo da comunicação comportamental e sua epistemologia encontra-se ainda embrionário. Gregory Bateson, Don Jackson, Jay Haley e John Weakland estão na vanguarda desse movimento, com a publicação em 1956 do importante artigo intitulado "**Toward a Theory of Schizophrenics**", resultado de um trabalho de vinte anos com esquizofrênicos em um hospital psiquiátrico de Palo Alto, Califórnia.

Embora o comunicado tivesse aparecido prematuramente, na opinião do próprio Bateson, provocou profundo impacto na psiquiatria, obrigando a reconsiderações fundamentais acerca da esquizofrenia.

O artigo difunde a nova epistemologia, apenas parcialmente, uma vez que se refere à aplicação do modelo desenvolvido por Bateson e seus colaboradores (1958, 1977, 1978, 1980, e 1984).

A tese central de Bateson - a teoria do duplo vínculo - apóia-se na teoria dos tipos lógicos de Russell, anunciando a descoberta de descontinuidade entre uma classe e seus membros, ou seja, o termo usado para definir uma classe não pode pertencer à mesma classe dos objetos que define, porque envolve maior nível de abstração. "Toda comunicação implica a utilização de categorias e classes. A não observância das leis de classificação pode gerar sistemas de classificação e de combinações que engendram os paradoxos" (Bateson et al. 1977, p. 81). Bateson acredita que a confusão entre os níveis de classificação é característico do processo mental. Observa que na comunicação cotidiana a descontinuidade entre ambas as classes é freqüentemente violada, e, dependendo do grau de confusão e distorção, pode resultar em patologias, quando certos padrões de violação são sistemática e aberrantemente desviados (Bateson, 1980). Os autores interessavam-se particularmente pelas formas em que duas ou mais mensagens - metamensagens em relação recíproca - podem qualificar-se para produzir paradoxos de tipo russelliano (Bateson et al., 1977).

Exemplos de como as pessoas usam tipos lógicos múltiplos encontram-se no jogo, fantasia, metáfora, humor, brincadeiras, confidências, simulação de amizade, aprendizagem, interpretação, na dificuldade de compreender a comunicação enviada numa mensagem, etc. (Bateson et al., 1978). A peculiaridade destes comportamentos está no fato da ação desenvolver-se num certo nível de comunicação, mas a decodificação da mensagem exige evidentemente uma ordem de tipo lógico superior ao da mensagem emitida, uma vez que congrega sinais contextuais de complexidade considerável, os quais variam com a capacidade perceptiva de cada pessoa. Segundo Bateson "nunca existe uma mensagem isolada, mas ela sempre se encontra em comunicação com duas ou mais mensagens relacionadas entre si, em distintos planos e transmitidas por canais diferentes: voz, tom, movimento, contexto etc, que podem tornar-se incongruentes" (Bateson et al. 1977, p. 83).

Usando a generalização de Korzybski segundo o qual "o mapa não é o território", Bateson (1980, p. 122) formula a importante premissa a que denominou "transformação ou codificação", a partir da qual demonstra que a relação entre duas mensagens jamais é direta e simples. O significado de uma ação muda relativamente ao contexto e ao tipo de relação estabelecida entre duas pessoas num dado momento. A esse tipo de mensagem, Bateson denominou "metamensagem", termo que tomou emprestado de B. L. Whorf.

"Uma função, um efeito, da metamensagem é **classificar** as mensagens que ocorrem dentro de um contexto" (Bateson, 1980 p. 129). Este é o ponto da teoria que se relaciona com a teoria dos tipos lógicos de Russell, indicando que a existência de múltiplos tipos de classes é essencial à comunicação humana. Sem a possibilidade de distorções dos tipos lógicos não haveria, por exemplo, o humor (Bateson, 1980). Mas quando a distorção não é intencional poderá levar à incongruência na comunicação. As conclusões implícitas nos desvios guardam semelhanças com as premissas, porém, pertencem a universos diferentes e o impacto produz o riso. A análise do discurso comunicacional de pessoas, em estreita relação, como a família, mostra que podem existir seqüências comportamentais padronizadas em sua comunicação, que produzem desorientação na capacidade de decodificar a mensagem. São comunicações freqüentes no dia-a-dia e, em algumas situações, podem ter efeitos particulares sobre os distúrbios de comportamento. Um exemplo disso é o diálogo entre a mãe de um esquizofrênico e seu filho, quando emite sistematicamente uma mensagem verbal acompanhada de mímica antagônica. A partir desta perspectiva, Bateson postula uma continuidade nos padrões de pensamento e comportamento psicótico e normal, ao contrário da tendência vigente que estabelece uma ruptura entre ambos, como se pertencessem a ordens qualitativas diferentes, quando para o autor a diferença é em grau, freqüência e intensidade. Esta continuidade deve também repercutir na epistemologia que fundamenta esta teoria exigindo modificações básicas nas conceituações teóricas.

A importância dessa afirmação para a prática psicoterápica se faz sentir sobre a escuta do terapeuta, o qual passa a valorizar não mais os conteúdos e rótulos, mas os padrões de comunicação, os sentimentos e principalmente a relação, de modo a poder detectar violações sistemáticas.

Bateson e colaboradores detêm-se na definição de relação como elemento essencial da comunicação. No dizer de Jay Haley (1971, p. 5): "uma relação define-se como um sistema de comunicações circulares, no qual os membros decidem conjuntamente que tipo de conduta prevalecerá entre eles. Decidem por acordo mútuo, através de ações e reações, o que está incluído e o que está excluído da relação". Nesta perspectiva toda mensagem humana é qualificada em função do contexto da verbalização e das expressões não verbais. Qualquer comunicação é sempre qualificada ainda que se manifeste pela ausência, como ocorre na catatonia.

Em Watzlawick, Beavin e Jackson (1967), bem como em Haley (1971), encontra-se que a definição da relação criada entre duas ou mais pessoas se faz por uma luta pelo controle da situação. Controle para eles não significa manipulação, mas "defesa e manutenção dos limites do espaço psicológico que alguém construiu para si próprio e espera respeito dos outros, em função de pautas de realimentação e calibração" (Bateson et al., 1977, p. 83). E mais adiante continua Bateson "em um sistema que produz definições em pugna, quanto às relações,

podendo gerar angústia subjetiva" (p. 85). A partir deste controle, foram distinguidos dois tipos básicos de processo comunicativo: complementar e simétrico (Bateson, 1978; Haley, 1971; Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967). Posteriormente veio a questão sobre os processos de interação entre os tipos complementar e simétrico, uma vez que nenhum permanece puro entre as pessoas e nas situações.

Na pragmática da comunicação esses processos assim se definem: "Relação simétrica é aquela na qual troca-se o mesmo tipo de conduta entre dois indivíduos; um e outro podem indistintamente tomara iniciativa, criticar-se, aconselhar-se etc. Relação complementar é a que se estabelece quando duas pessoas trocam tipos diferentes de conduta. Uma dá e a outra recebe, ou uma ensina e a outra aprende. A conduta se complementa; uma se encontra em posição superior e a outra em secundária, já que uma oferece ajuda e a outra a aceita, uma dá conselho e a outra segue, etc." (Haley, 1971, p. 13).

Estes tipos de relação não são estáticos e tendem a intercambiar-se e a modificar-se como efeito de maturação individual e, conseqüentemente, também, da relação. Mas as pessoas nem sempre têm disponibilidade para aceitar modificações e lutam por conservar os comportamentos habituais, obrigando a outra parte a realizar manobras para forçar a mudança.

De um modo geral, este jogo verifica-se em qualquer relação, embora os autores admitam-no apenas como característica das relações instáveis.

A caracterização da comunicação, como foi sucintamente descrita, não deve ser tomada como mais uma teoria explicativa do comportamento humano. Trata-se da aplicação de uma proposição mais profunda que pretende apresentar uma epistemologia geral capaz de substituir a estrutura de pensamento preponderantemente linear e causal da ciência vigente.

## O EU E O OUTRO

Os processos ordinários de avanço científico naquele mundo linear, diz Bateson (1978), fazem-se através do experimento e de quantificação e, na esfera clínica, em função do diagnóstico e etiologia.

Ao descartar esse processo, Bateson declara ter interesse muito mais amplo que estes. Procura saber "que idéias ou que padrões de idéias alimentaram um paciente, de modo a conduzi-lo ao caminho que seguiu e ser o que é agora" (Bateson, 1978, p. 45). Não se trata de esmiuçar conteúdos ou de buscar causas, mas entender como estas idéias ou injunções relacionam-se com as pessoas interagentes. Lida com fenômenos não dimensionais em termos de espaço e tempo. Assim, a concepção substancialista é descartada e substituída pela relacional, ou seja, pela concepção de processos interacionais que se alternam por "calibração" ou "feedback", como eventos na organização e relação entre as partes do organismo e entre este e seu meio ambiente. Neste sentido, não existe um eu substancializado, mas um sistema relacional, que pode levar à modificação pela criação de padrões mais adequados ao momento presente da pessoa.

Esta noção de homem-e-ambiente, como sistema em circuito, isto é, sem limites físicos, levanta um questionamento paradoxal acerca do eu e do outro. É através do outro que o eu obtém sua autoconfirmação quando aceito. Mas o outro representa simultaneamente uma ameaça na medida em que pode rejeitá-lo e, neste caso, desconfirmá-lo. É também paradoxal na medida em que os limites do eu

são eliminados, no sentido de promover uma confirmação substancial, pois o eu não é uma coisa espacial (a **res extensa** cartesiana), é uma relação. Referir-se ao eu em termos do que pertence e do que não pertence (dentro e fora) parece uma metáfora inapropriada, já que o que está dentro está fora e vice-versa num processo interativo e seletivo. Bateson (1978) considera o "eu" uma figura mitológica e desnecessária, apenas útil do ponto de vista cultural porque é em torno dele que se afiguram as patologias.

Diz Watzlawick (1977, p. 92): "uma das funções primárias do eu, na teoria do duplo vínculo, consiste em evitar uma confusão dos planos lógicos em todos os seus tratos com a realidade exterior e interior, e em proteger a mente dos perigos potenciais de semelhante confusão".

O "**self**", resultado da interação humana, é um devir complexo, dinâmico e multifacetado de mensagens verbais, posturais, gestuais, tonais e situacionais que conferem significado ao comportamento, desde que a pessoa consiga distinguir vários planos de comunicação e metacomunicação. Este comportamento tampouco é rígido, embora alguns predominem no repertório individual e se constituem em padrões, conferindo à pessoa a sua característica individual. O comportamento varia do congruente ao incongruente e até mesmo do coerente ao paradoxal, segundo o indivíduo seja ou não induzido a desvios sistemáticos das categorias lógicas.

A capacidade de metacomunicar adequadamente, ou seja, de decodificar todo o conjunto verbal e não-verbal da mensagem, exprime a comunicação bem-sucedida. Esse processo, no entanto, depende intimamente do nível de conhecimento do eu ("**self**") e do outro, definido a partir do conhecimento (consciência) do tipo de relação estabelecido. Saliente-se que o indivíduo pode falar, mover-se, sentir, ver, ouvir, mas não comunicar-se, se não estiver em relação. Pode, também, distorcer as mensagens enviadas e recebidas, se não tiver conhecimento de si próprio, do outro e do contexto. As duas situações são freqüentes na vida cotidiana onde se observam pessoas apenas reunidas num espaço físico próximo, movendo-se em função da consciência que podem ter dos produtos de suas percepções, mas não do processo perceptual em si mesmo do qual não têm consciência. **A percepção dos limites do eu e do outro afigura-se como condição básica para uma comunicação bem-sucedida**, desde que não se visualize limite como um corte que oponha homem a ambiente. Os limites também são interacionais. Há diferença, mas não oposição. A oposição se dá no espaço e no tempo e, portanto, é quantificável, mas a diferença não se localiza no espaço e, sim, no tempo. Mas esse tempo é psicológico, isto é, "refere-se ao tempo que leva uma pessoa para discernir uma coisa da outra, atividade esta que se caracteriza como um processo não dimensional. É relacional" (Bateson, 1978 p. 55).

Quando ao indivíduo não é possível discernir os limites do eu-outro e a seqüência de seus hábitos comunicacionais torna-se inadequada ao contexto que se lhe apresenta, poderá abandonar o campo da relação e concluir pela incoerência da situação. Manterá, desse modo, suas premissas, embora sinta alguma ansiedade; ou então, se não puder abandonar o campo por razões afetivas, poderá entrar em conflito interno de tipificação lógica irresolvível que o levará à patogenia (duplo vínculo). Neste último caso fica impossibilitado de discernir os planos de comunicação, por exemplo entre o literal e o metafórico. Seu sistema metacomunicativo estaria perturbado, a ponto de não saber que tipo de mensagem é determinada mensagem. "Se uma pessoa lhe pergunta: Que lhe agradaria fazer

hoje?, seria incapaz de julgar com exatidão, pelo contexto, tom de voz ou gestos e mímica facial, se estaria sendo condenado pelo que fizera na véspera, se estaria sendo convidado para sair, se se trataria de um convite sexual, ou o que a pessoa estaria querendo lhe dizer" (Watzlawick, 1977, p. 102).

Resumindo, destacam-se vários pontos no modelo comunicacional de Bateson: 1) ênfase no caráter interacional da relação; 2) ênfase no aspecto metacomunicacional da relação; 3) afirmação da natureza processual da relação; 4) rejeição da substancialização dos processos mentais que leva a minimizar o valor dos conteúdos da comunicação para exaltar a estrutura e função; 5) existência de controle do tipo de relação estabelecida; 6) crença de que o organismo é regenerativo, isto é, pode autocorrigir-se ou pode oscilar; 7) crença de que não há modificações nas ações particulares enquanto não houver extinção da percepção do contexto que caracteriza a classe daquelas ações (teoria dos tipos lógicos); 8) crença de que a modificação ocorre na medida em que o sujeito percebe as violações lógicas dos seus processos mentais; 9) crença na natureza relacional do processo de mudança.

## A DIFERENÇA

A noção de diferença aparece na epistemologia de Bateson como um dos principais elementos para o estudo dos processos mentais. É, a um tempo, percepção de outrem e percepção de si mesmo, que não é este outro nem o será jamais e que dá a consciência aguda da separação, da contingência, da individualidade dos dois seres que se comunicam.

Diz Bateson (1978, p. 50): "É característico da mente e processos mentais que, em muitos dos escalões que compõem o circuito dinâmico da mente, os eventos são impulsionados não pela força ou impacto, mas pela diferença". Baseia-se o autor na lei descoberta por Fechner e Weber em 1830, na qual os referidos autores demonstraram que as diferenças das quais a percepção depende não são diferenças somativas, mas razões (relações). Na atualidade, Norbert Wiener ampliou este conceito ao estudar "a oscilação cibernética do músculo mostrando que a tensão de um músculo isométrico é proporcional ao logaritmo da frequência de impulsos neurais que atingem o músculo" (Wiener, 1949). Isto significa que a diferença não tem dimensão espacial, é uma razão (relação) entre coisas que não têm dimensão real. "É um conceito não dimensional" - diz Bateson (1978, p. 51), "portanto não tem energia, pertence à esfera da entropia e neguentropia, não se localiza no espaço nem no tempo físico, mas no tempo subjetivo, isto é, no tempo necessário ao escrutínio de dois objetos reais com nossos sentidos".

Bateson prossegue: "... os processos mentais são estimulados por energias que transcendem os eventos através da diferença detectada, como se a mente estivesse isolada do real, circunstância que, sem dúvida, levou os teóricos a imaginarem, no passado, uma separação entre mente e corpo". Mais adiante Bateson declara que "hoje sabe-se ser essa noção não-dimensional da diferença aquilo que impulsiona a mente humana e o relacionamento interpessoal. Promove a evolução na complementaridade".

Numa perspectiva teórica, essa noção pode levar tanto a um redimensionamento do conceito de eu, como a uma revisão da divisão da mente feita tradicionalmente em termos de consciente e inconsciente. Enquanto a noção de eu pode ser

compreendida de maneira relativamente mais simples através de processos de discriminação, no que se refere à consciência o assunto é mais obscuro, uma vez que a ela apenas foram feitas referências em termos de percepção. "Os processos de percepção não são conscientes mas seus produtos podem ser. Quando a consciência é usada neste sentido, poderia indicar que o fenômeno se relaciona de alguma forma com a teoria dos tipos lógicos" (Bateson, 1980, p. 143).

O conceito de diferença tem importância fundamental na epistemologia batesoniana. Com sua característica de não dimensionalidade, alcança os processos mentais e ativa a energia disponível como um fenômeno impulsionador do processo de identidade e crescimento.

Dois pontos curiosos devem ser acrescentados a essa epistemologia. O primeiro assevera que a lógica é um modelo deveras pobre do processo mental. A lógica não pode simular todos os passos de um processo mental porque ela opera em termos causais, portanto, linear e temporal, enquanto o processo mental é atemporal, podendo conviver com os paradoxos e com a variedade da ocorrência simultânea dos eventos. O segundo ponto denuncia que grande parte do processo mental é inacessível à consciência, misturado que está com o processo perceptivo. A evidência desta constatação encontra-se na dificuldade epistemológica para expressar sentimentos ou eventos internos, como a dor, cheiro, sentimento, conversões somáticas etc. Há enorme distinção entre o que eu percebo e o que está fora de mim. Mas de fato, muitos teóricos acreditam que o material percebido é o que se tem diante dos olhos, e eles assim crêem porque não levam em conta a característica interacional do processo perceptivo.

### CONCLUSÕES

O encontro terapeuta-cliente caracteriza-se na maioria das psicoterapias atuais como uma relação. É uma atividade de comunicação no sentido literal do termo orientada para a transformação.

Neste processo, é importante salientar que o terapeuta não focaliza sua atenção no conteúdo propriamente dito das mensagens do cliente, com o objetivo de determinar causas do comportamento a que, geralmente, se submete o cliente da psicanálise e do behaviorismo. O terapeuta agora está atento à estrutura de funcionamento do cliente que é investigado em dois aspectos: um procura detectar os sentimentos expressos, recalcados ou distorcidos, como material metacomunicacional que acompanha a mensagem verbal e não verbal; o outro trata de identificar padrões de comunicação, precisar as condições de ruptura ou de restabelecimento do diálogo que revelam o nível de funcionamento dos processos mentais da pessoa.

A comunicação se dá na relação que se autentica na verdadeira interação, ou seja, no comprometimento direto com a experiência imediata da relação, desde que sejam preservadas as diferenças de identidade.

O lado efetivo da terapia centra-se na aceitação da diferença que existe entre os valores do eu e os valores do outro. O terapeuta deve estar ciente de sua própria diferença e aceitar o fato de que o outro seja diferente dele mesmo, possuindo valores que pode até rejeitar mas que respeita por serem do outro.

A aceitação da diferença implica uma relação complementar onde há possibilidade de interação e de troca, o que não ocorre na relação simétrica onde a

igualdade leva a um paralelismo. A simetria favorece a independência já que é por definição a não inter-relação. Mas também não há encontro, nem troca e sim competição.

A simetria empregada no **setting** terapêutico das teorias humanistas, por exemplo, é ilusória. É, na verdade, complementar, até mesmo porque é o terapeuta quem decide pela aceitação da diferença. É ele quem decide retirar o aspecto de dominação da complementaridade comum às outras terapias. Estabelece diferenças de papéis desde o início, na medida em que não aceita do cliente comportamentos que a ele pertencem como técnico, e não pode permitir que isto aconteça sob pena de degenerar a finalidade da terapia. Deve mesmo incentivar no cliente o sentimento de diferença para que venha a assumir sua identidade.

As teorias psicoterápicas atuais não têm por objetivo buscar causas nem explicar os porquês, mas entender o como. Resolver desavenças em nível de relação é um processo penoso, uma vez que impõe falar de si mesmo e redefinir o tipo relacional envolvido, o que equivale a uma redefinição de algo muito mais importante que é o eu e o outro. É um processo vivencial, percebido não tanto pelos conteúdos simbólicos das palavras, mas por algo que vai além delas em nível metacomunicacional. Os pares relacionais muitas vezes não têm autoconsciência explícita e conceitual de todos e cada um dos seus sentimentos, mas experimentam a relação como algo vivo e imediato.

Bateson e colaboradores (1978) dizem que muitos dos estratagemas preparados pelos psicoterapeutas parecem produtos meramente intuitivos decorrentes da situação e do momento da relação. Esperam os autores que chegue o dia em que tais estratagemas tornem-se sistemáticos e habituais, quando a análise da comunicação, do tipo de relação, da utilização positiva dos tipos de relação e a integração da noção de diferença permitirem aplicar o modelo dos tipos lógicos ao mundo dos processos mentais e especificamente no contexto psicoterapêutico tomado como comunicação.

## REFERÊNCIAS

- BATESON, G. (1980). *Mind and nature*. Great Britain: Fontana/Collins.
- BATESON, G. (1958). *Naven*. California: Stanford University Press.
- BATESON, G. (1978). The birth of a matrix of double bind and epistemology. Em M. M. BERGER (Ed.), *Beyond the double bind*. Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- BATESON, G., JACKSON, D. D., HALEY, J., & WEAKLAND, J. (1978). Toward a theory of schizophrenics. Em M. M. BERGER (Ed.), *Beyond the double bind*. Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- BATESON, G., JACKSON, D. D., HALEY, J., & WEAKLAND, J. (1977). Nota sobre el doble vínculo. Em D. D. JACKSON (Ed.), *Comunicación, familia y matrimonio*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- BATESON, G., & RUESCH, J. (1984). *Comunicación: la matriz social de la psiquiatria*. Buenos Aires: Paidós.

- HALEY, J. (1971). *Estratégias en psicoterapia*. Barcelona: Ediciones Toray S. A.
- WATZLAWICK, P. (1977). Examen de la teoria del doble vínculo. Em D. D. JACKSON (Ed.), *Comunicación, familia y matrimonio*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN, J. H., & JACKSON, D. D. (1967). *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix.
- WIENER, N. (1949). *Cybernetics: or control and communication in animal and the machine*. Nova Iorque: John Wiley & Sons.

---

Artigo recebido em Janeiro de 1986